



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Jornalismo, valor-notícia e infância: um estudo de caso da cobertura do Correio
Braziliense sobre as gêmeas siamesas Mel e Lis**

Ana Carolina Teixeira Bomfim
(180012461)

Brasília
2023

Resumo: Este artigo é um estudo de caso da cobertura da cirurgia de separação de Mel e Lis pelo Correio Braziliense. O objetivo é analisar aspectos temáticos, técnicos e éticos das abordagens publicadas no veículo durante o período da cirurgia, entre os dias 29 de abril a 04 de junho de 2019. Aborda-se questões que permeiam as necessidades e os limites do jornalismo na divulgação de histórias como essa – que mesclam ciência, saúde e comoção pública ao direito à privacidade, preservação da imagem e proteção às crianças e suas famílias – a partir do referencial teórico de Andi (2011), artigos com temas de crianças com casos raros e outros. Do ponto de vista metodológico, utiliza-se análise qualitativa dos casos.

Palavras-chave: jornalismo e infância; mídia e infância; estudo de caso; ética jornalística

1. Introdução

Mel e Lis são gêmeas siamesas unidas pela cabeça, conhecidas como craniópagas. Uma condição rara que acontece em 1 a cada 2,5 milhões de nascimentos. Elas nasceram no dia 01 de junho de 2018, no Hospital Materno Infantil de Brasília. O caso delas é raro, foram 10 cirurgias similares no mundo¹, 3 casos no Brasil e foi o primeiro caso no Distrito Federal.

A condição foi detectada pelos médicos ainda na gestação, e foi estudado e pensado desde então, inclusive para que a futura cirurgia de separação ocorresse na melhor condição possível. Após o nascimento das meninas, era preciso que elas crescessem, fizessem fisioterapia e ficassem mais fortes para passar por um procedimento tão delicado.

Elas ainda precisavam de mais pele para fechar a cabeça, após a cirurgia. Então, quatro meses antes da operação, passaram por um mini procedimento cujo objetivo foi colocar bolsas de ar, que seriam preenchidas com soro para esticar a pele do membro superior.

Após dez meses de vida, as meninas foram submetidas à cirurgia, raríssima, para a separação das cabeças. A preparação do procedimento no Hospital da Criança de Brasília foi minuciosa, sob pesquisas e cuidados de uma equipe composta por cerca de 50 profissionais da área da saúde, como neurocirurgiões, anestesistas, pediatras, cirurgião plástico, enfermeiros, fisioterapeutas e outros.

No dia 27 de abril de 2019, Mel e Lis foram para o centro cirúrgico às 6h30 da manhã de um sábado e ficaram em cirurgia durante 20 horas. A tensão, o medo e a angústia eram grandes, mas o procedimento foi um sucesso. Elas estavam separadas e seguiram para observação na Unidade Intensiva de Terapia, onde ficaram durante um mês até receberem alta para casa.

Durante o período em que Mel e Lis se recuperaram, ainda eram incertas as consequências ou sequelas da cirurgia e como reagiriam, entretanto, elas surpreenderam a todos com a rapidez que se desenvolviam e se adaptaram à nova vida.

A história de Mel e Lis mobilizou o Distrito Federal, sobretudo pela ampla visibilidade dada ao caso pelos meios de comunicação. Nesses veículos, a repercussão ganhou notoriedade pelo alto valor de noticiabilidade, por sua atualidade, raridade, proximidade, surpresa, comoção, emoção e interesse humano (SILVA, 2005). Entretanto, a

¹ Os dados são de 2019.

Cf.:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/04/28/interna_cidadesdf,752068/gemeas-siames-as-nascidas-em-brasilia-passam-por-cirurgia-de-separacao.shtml)

minha afinidade com as gêmeas vai muito além dos aspectos jornalísticos que permeiam o caso, sendo um caso que eu vivi toda a emoção junto com a família. Meus pais são amigos da família da Camilla Vieira, mãe das meninas, antes mesmo de eu nascer. O vínculo é tão forte que nós nos consideramos primas. Acompanhei a separação de Mel e Lis de perto, e pude observar “dois lados” de uma mesma moeda: o da família, sensível e aflita com a situação e seus desdobramentos; e o da mídia, em busca de reportar o caso em primeira mão, muitas vezes atrás de informações privilegiadas.

Presenciando de perto a apuração da mídia, pude ver como é desconfortável a insistência dos jornalistas para que a família concedesse entrevistas, não raro para abordar os mesmos assuntos, repetidas vezes e em meio às incertezas do real estado de saúde das crianças. Mel e Lis passaram por um procedimento invasivo e totalmente desconhecido, nem mesmo os médicos deram garantias sobre como elas reagiriam aos estímulos e à nova vida separadas. Se os jornalistas queriam ser os primeiros a noticiar qualquer mudança no quadro de saúde das crianças após a cirurgia, a família também precisava de privacidade e paciência para entender o que estava acontecendo.

A linha tênue entre o valor-notícia da história e a privacidade das crianças e da família foi o que me motivou a escrever essa análise. Entre os questionamentos que passavam por minha cabeça, eu me perguntava sobre os limites da cobertura jornalística sobre essas crianças, que tinham uma condição rara e grave de saúde. Eram necessárias tantas matérias sobre o caso? Há interesse público em expor a vida e a rotina delas? Essas reportagens respeitam a proteção da imagem, da identidade e até mesmo da vida dessas crianças? À época, não consegui formular respostas mais sistemáticas sobre esses incômodos.

Esse artigo apresenta-se, portanto, como uma oportunidade para analisar as dimensões dessa cobertura e contribuir para as reflexões do campo jornalístico sobre aspectos temáticos, técnicos e éticos de abordagens que envolvem casos sensíveis. Para isso, propõe-se um estudo de caso das notícias sobre a cirurgia de separação de Mel e Lis, publicadas pelo Correio Braziliense entre os dias 29 de abril e 04 de junho de 2019. O objetivo é problematizar as necessidades e os limites do jornalismo na divulgação de histórias como essa, que mesclam ciência, saúde e comoção pública e ao direito à privacidade, preservação da imagem e proteção de duas crianças e sua família.

A metodologia contempla análises de cunho qualitativo e exploratório, que observaram 12 matérias do Correio Braziliense por três dimensões: 1) aspectos técnicos da apresentação

jornalística das notícias²; 2) enfoques temáticos trazidos pela matéria³; 3) fontes ouvidas pela matéria⁴. A partir da sistematização dessas informações, conclui-se que a cobertura valoriza o pessoal das informações.

A estrutura pensada para este artigo se baseia no estudo teórico de legislações e normas que envolvam crianças e adolescentes, seus direitos individuais e coletivos de proteção. Seguindo esse raciocínio, estruturar a aparição desses na mídia e como a mídia lida com matérias assim, tendo meninos e meninas como protagonistas. Quais são os cuidados a serem tomados, quais são os focos das matérias e quais são as abordagens realizadas. É possível chegar a conclusão de que o foco principal das matérias é a história das meninas e não a cirurgia é o caso médico em si. Diversos fatores analisados comprovam a sensibilidade e a personalidade que é passada em cada matéria, não que isso seja errado. Mas o intuito da análise é perceber até onde se estabelece o limite de publicações que envolvam crianças como os protagonistas.

2. Referencial Teórico

2.1 Mídia e infância

Estudos do Jornalismo e da Comunicação destacam, sob diferentes perspectivas, o papel dos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas. As abordagens passam pelo poder que a mídia tem de influenciar visões e decisões, construir imagens, ditar tendências e comportamentos, definir os temas que são considerados relevantes para a sociedade, direcionar a opinião pública.

Especificamente em relação às crianças, o Observatório do Marco Legal da Primeira Infância defende que imprensa é “vetor decisivo para a divulgação de informações de interesse público, na definição dos temas prioritários para a agenda de legisladores e gestores e para assegurar visibilidade aos diversos pontos de vista presentes na esfera pública”, além de ser determinante para acompanhar e fiscalizar os processos de formulação e implementação das políticas públicas (OBSERVATÓRIO LEGAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA, 2021, p.3).

² Características jornalísticas: a) formato jornalístico (nota; notícia; reportagem; entrevista); b) presença de fotos, ilustrações ou infográficos; c) presença de quadros explicativos; d) outro.

³ Aspectos predominantes nas matérias: a) a dimensão técnico-científico da cirurgia ou da condição de saúde das meninas; b) a valorização ou a exaltação da equipe médica; c) a divulgação ou atualização do boletim médico das gêmeas; d) aspectos da vida, trajetória ou rotinas das gêmeas; e) o ineditismo do caso; f) a comoção da história e os sentimentos gerados por ela; g) o envolvimento/esforço da família com o caso; h) outro.

⁴ Quem são as fontes ouvidas pela matéria e o que elas falam?

O presente trabalho acrescenta outra perspectiva a essas funções, direcionando a discussão para a responsabilidade que os veículos de comunicação têm quando as crianças e os adolescentes são personagens de suas coberturas. Mais que um olhar para fora, sobre a situação e as condições vivenciadas pelos meninos e meninas no Brasil e o papel dos diferentes atores para garantir a proteção delas e deles, busco um olhar para dentro do jornalismo. Ou seja, quais os cuidados e responsabilidades os veículos de mídia precisam adotar quando um caso considerado de alto valor-notícia envolve crianças, sobretudo, menores de seis anos de idade? Como essas coberturas são feitas? Há limites entre o interesse público da notícia e o direito à privacidade e à garantia de direitos fundamentais dessas crianças? Como construir abordagens em profundidade, com responsabilidade, ética e qualidade jornalísticas? Essas são as inquietações que norteiam o debate que aqui suscito.

No âmbito legal, a privacidade se diferencia da intimidade, assim defende José Afonso da Silva (2014, p. 137). A privacidade engloba as informações de uma pessoa, e esta pode decidir se quer ou não mantê-las sob seu controle. A inviolabilidade da privacidade é um direito de todo cidadão e abrange a vida doméstica, relações familiares e afetivas, fatos, hábitos, nome, imagem, pensamentos, segredos, origens e até planos futuros do indivíduo. Enquanto a intimidade seria a esfera secreta que diz respeito ao modo de ser da pessoa, de forma que o titular desse direito possui prerrogativa legal de evitar o conhecimento dos demais integrantes da coletividade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reconhece tal diferença e prevê a necessidade de medidas específicas para a proteção da privacidade, ao postular que “a promoção dos direitos e proteção da criança e do adolescente deve ser efetuada no respeito pela intimidade, direito à imagem e reserva da sua vida privada” (ECA, 1990).

A Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), por sua vez, garante que toda criança deve ser protegida pela lei no caso de interferências e ataques, arbitrários ou ilegais, à sua vida particular, família, domicílio, correspondência, honra ou reputação. Entendimento similar ao preconizado pelo ECA, quando aborda o respeito à inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, incluindo “a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (ECA, 1990)

Para além desse respaldo de âmbito geral, ressalto que não há legislação específica que verse sobre a aparição de crianças na mídia como protagonistas e seres de direito ou que trate de casos que envolvam as abordagens sobre menores de idade em matérias jornalísticas. As leis que já existem protegem e resguardam direitos básicos garantidos pela Constituição Federal, bem como reconhecem o papel central do Estado como garantidor das medidas

necessárias para proteger essas crianças contra todas as violências, abusos, maus tratos ou exploração (CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 1989).

A Convenção sobre o Direito da Criança menciona também, em seu artigo 17, sobre a função dos meios de comunicação de zelar “para que a criança tenha acesso a informações e materiais procedentes de diversas fontes nacionais e internacionais, especialmente informações e materiais que visem a promover seu bem-estar social, espiritual e moral e sua saúde física e mental”, especificando que os países signatários do documento:

- a) incentivarão os meios de comunicação a difundir informações e materiais de interesse social e cultural para a criança, de acordo com o espírito do artigo 29;
- b) promoverão a cooperação internacional na produção, no intercâmbio e na divulgação dessas informações e desses materiais procedentes de diversas fontes culturais, nacionais e internacionais;
- c) incentivarão a produção e difusão de livros para crianças;
- d) incentivarão os meios de comunicação no sentido de, particularmente, considerar as necessidades lingüísticas da criança que pertença a um grupo minoritário ou que seja indígena;
- e) promoverão a elaboração de diretrizes apropriadas a fim de proteger a criança contra toda informação e material prejudiciais ao seu bem-estar, tendo em conta as disposições dos artigos 13 e 18. (CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA, 1989, Art. 17)

O Marco Legal da Primeira Infância, ou Lei Nº 13.257, de 8 de março de 2016, foi criado em 2016 com o objetivo de desenvolver uma série de programas, serviços e iniciativas voltados à promoção do desenvolvimento infantil, mais especificamente de crianças de 0 a 6 anos. Em um dos seus artigos, aborda de forma superficial sobre a proteção infantil nos meios de comunicação, sem menção clara sobre o que e como isso deve ser seguido⁵. Entre suas diretrizes, evoca a participação dos meios de comunicação na formação de uma cultura de proteção à criança e, de novo, reconhece na mídia um ator estratégico para a garantia desses direitos.

Dessa forma, nota-se que a legislação vigente trata sobre esse papel ou corresponsabilidade da mídia como guardião dos direitos das crianças e agente estratégico para a formação delas, e não sobre as responsabilidades (ou limites) dos veículos ao representá-las. Nem mesmo o Código de Ética dos Jornalistas faz tal menção específica. Entretanto, Varão (2019) destaca que os jornalistas precisam guiar-se pela ética e pelos

⁵ Art. 4º. IX - promover a formação da cultura de proteção e promoção da criança, com apoio dos meios de comunicação social. (Marco Legal da primeira Infância -https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm)

direitos humanos independentemente da existência de códigos deontológicos específicos sobre o tema da infância.

Não se pode ser neutro diante das crianças que compõem as linhas de nossos textos. Cada notícia construída sobre elas deveria ser, por si só, combate e empenho permanente para sua proteção. Talvez essa seja a “dica” mais consistente a ser dada acerca da infância no jornalismo: preserve-a e batalhe por ela. Pense antes de expô-la. E, claro, quer saber quais são os direitos que cobrem essa fase da vida em nosso país? Faça do ECA seu companheiro; conheça a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Defenda aqueles a quem sua palavra dá forma. Não é favor. Não é detalhe. É obrigação. (VARÃO, 2019)

Em outras palavras, aos veículos de comunicação também se aplicam os deveres de garantir e/ou dar condições ao exercício dos direitos fundamentais e básicos desses meninos e meninas, isso inclui o respeito ao direito à privacidade, à dignidade, à proteção prioritária, bem como atuar de forma ativa contra os ataques à sua vida particular, família, domicílio, correspondência, honra ou reputação, entre tantos outros.

2.2 - A cobertura da mídia sobre temas relacionados à infância

A ANDI - Comunicação e Direitos⁶ realiza há mais de 25 anos pesquisas sobre a veiculação de notícias sobre crianças ou sobre temas relativos à infância. O mais recente⁷, publicado em 2021, analisou como 35 veículos noticiosos brasileiros abordam assuntos diretamente relacionados às crianças entre 0 e 6 anos de idade. O resultado revela que a maior parte das abordagens são sobre o macrotema da saúde na primeira infância, com repercussões de questões relacionadas ao bem-estar físico, mental e social das crianças. O segundo tema mais abordado pelos veículos envolve a educação, seguido da violência. Entre os subtemas tratados, destaca-se acidentes; convivência familiar e comunitária; crianças com pai e mãe no sistema prisional; pobreza e exclusão social; arte e cultura para a primeira infância; brincar; comportamento e segurança.

Um dado que chama a atenção é que mais de 90% dos conteúdos analisados não abordam a interface infância e comunicação e, quando discutem, os subtemas mais tratados são o impacto da exposição a telas e exposição de imagem da criança em redes sociais. Pouco se fala, portanto, sobre coberturas midiáticas que tenham as crianças como protagonistas de

⁶ Antes chamada de Agência de Notícias dos Direitos da Infância, a Andi é uma organização da sociedade civil apartidária e sem fins lucrativos, criada na década de 1990. Entre seus objetivos, busca promover e fortalecer o “diálogo profissional e ético entre as redações, as faculdades de comunicação e de outros campos do conhecimento, os poderes públicos e as entidades relacionadas à agenda do desenvolvimento sustentável e dos direitos humanos nos âmbitos nacional e global”. Cf.: <https://andi.org.br/sobre/?soa=1>

⁷ Cf.: <https://andi.org.br/publicacoes/primeira-infancia-na-midia>

reportagens e notícias. No entanto, estudos acadêmicos sobre o tema evidenciam abordagens em que elas são retratadas sob a perspectiva de comoção social ou como personagens que dão o tom humano e emocional para a construção da narrativa jornalística. Como exemplo, matérias sobre a precariedade na área da saúde, sobre a pobreza e a fome, sobre a falta de investimentos na educação e sobre abusos e violências sofridas pelos menores de idade.

Especificamente no fotojornalismo, Buitoni afirma que a criança como protagonista é invisível nas páginas de jornais e revistas. Com pouca importância política, elas aparecem por meio de representações imagéticas estereotipadas e genéricas - muito mais por figuração do que por qualquer outra questão.

Crianças e adolescentes em geral não são atores políticos, por causa de suas atividades, quase sempre não envolvendo a esfera pública. Nos jornais diários, costumam aparecer nos suplementos femininos, suplementos infantis e mais recentemente nos suplementos dedicados aos jovens. (BUITONI, 2013, p. 225)

A autora ressalta que é comum a utilização de fotos de crianças e adolescentes na cobertura esportiva, porém, as iconografias mais frequentes retratam crianças debilitadas pela seca, fome, guerra, desastres e catástrofes; para simbolizar inocência, doçura e afeto ou, por seu oposto, a figura de meninos e meninas em situação de conflito com a lei. A pesquisa de Buitoni aponta, então, para a existência de núcleos temáticos que englobam a maior parte das fotos de crianças e adolescentes.

a) família, combinada com cenas cotidianas e/ou com pobreza; b) educação; c) violência, quase sempre associada a não observância dos direitos das crianças e adolescentes; no entanto, aparecem também crianças e adolescentes infratores. Tragédias, acidentes e catástrofes trazem cenas de atualidade imediata, carregando implicitamente o teor documental. Problemas sociais duradouros são motivo para reportagens investigativas e analíticas. É possível também incluir na categoria de fotos documentais, reportagens que têm um caráter de ensaio. (BUITONI, 2013, p. 226)

Exatamente neste ponto que começa a discussão aqui proposta, a controversa presença de crianças e de adolescentes nas páginas de jornais, objeto deste estudo. Vimos que o Estatuto da Criança e do Adolescente afirma categoricamente que esses grupos precisam de proteção. É, no mínimo, questionável as publicações que exploram as situações que explorem as vulnerabilidades dessas crianças, sobretudo quando elas são usadas com o intuito de gerar apelo dramáticos ou tendem a ocasionar comoção social. As representações deste último tipo costumam aparecer, de maneira involuntária ou provocada, quando tratamos da cobertura midiática sobre crianças com questões graves de saúde – o caso de Mel e Lis, tema central deste estudo.

No artigo “*Batalha do pequeno coração valente*”: o jornalismo e as crianças com problemas cardíacos, Costa e Doretto (2019) retratam sobre a representação⁸ de crianças em telejornais, particularmente as que estão na fila para transplante de coração. Entre as características observadas, relatam que os meninas e meninos são lidos como heroínas e heróis, e o transplante de coração, a cura definitiva para o seu mal. A perspectiva crítica das autoras revela ainda o caráter apelativo de uma situação delicada, o que pode intensificar o drama experienciado por essas famílias, além do uso pelos jornalistas dos artifícios do melodrama nas narrativas e no enfoque do apelo emocional dessas reportagens.

As pesquisadoras mencionam Carvalho *et al.* (2016), sobre a exposição midiática de adolescentes com câncer que, quando questionados sobre a reportagem, respondiam gostar das perspectivas que os colocam na condição de “sujeitos na luta pela vida” e não como “objeto de atenção e cuidados de adultos e das instituições que os acolhem”.

Nesse sentido, valorizam a visibilidade dos seus pontos de vista no discurso noticioso e também no discurso promocional das instituições de tratamento onde fazem tratamento. Esta visibilidade é percebida como uma oportunidade para se exprimirem publicamente sobre um tema que lhes diz diretamente respeito e também como um contributo válido para o debate social. (CARVALHO *et al.* apud COSTA; DORETTO, 2019).

No entanto, como aponta o estudo de BUITONI (2013), isso nem sempre ocorre porque o jornalismo costuma reservar o papel coadjuvante às crianças e adolescentes. No caso de crianças com alguma doença grave, corre-se ainda o risco de narrativas construídas pelo jornalismo que ressalta apenas os aspectos positivos da situação, não abordando os riscos e desafios dos procedimentos enfrentados, contando as histórias por perspectivas extremamente positivas e incompatíveis com a realidade.

Nenhuma das reportagens cita o fato de que o coração transplantado tende a envelhecer precocemente, por conta dos medicamentos utilizados para evitar a rejeição do novo órgão. Assim, novos transplantes devem ser realizados com o tempo. E também não há, nas narrativas apresentadas, a possibilidade de as crianças

⁸ As autoras adotam o conceito de representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFMANN, 1975 apud COSTA; DORETTO, 2019). As pesquisadoras complementam que o estudo proposto por elas “se volta apenas para uma das arenas em que esse jogo cênico acontece: o jornalismo”. Destacam, ainda, a figura central dos jornalistas nesse processo. “(...) nesse caso, quem dirige a cena, quem elege como deve ser o papel representado pelo indivíduo, é o produtor da mensagem jornalística — que o faz a partir do que lhe é dado pelos cidadãos, mas a iluminação de determinados aspectos, em detrimento de outros, a ênfase em certas características, e não em outras, está a cargo do condutor da narrativa noticiosa”. (2019, p. 45)

não conseguirem vencer o opositor, ou seja, a doença cardíaca. (COSTA; DORETTO, 2019, p. 47)

Além do mais, Costa e Doretto (2019) destacam que as reportagens analisadas utilizam-se de características típicas do melodrama e mencionam Brooks (1975) para reiterar como a narração é dominada pelo “forte emocionalismo; a polarização moral; a exposição de estados extremos de ser; e a perseguição ao bem”. (p. 47)

Se, do ponto de vista ético, é preciso preocupar-se com o caráter apelativo desses conteúdos, entende-se que o uso desses artifícios podem ultrapassar os limites entre a cobertura de interesse público e a invasão da privacidade das crianças e das famílias, e até mesmo o respeito à condição de saúde vulnerável.

Por fim, admitir a simultaneidade de representações sociais da criança e do adolescente permite aprofundar a análise dos impactos que cada representação social possa impingir em seus âmbitos de circulação nos espaços sociais, bem como levar em conta que as representações sociais podem estabelecer entre si articulações, confrontos e disputas, com reflexos em sua função de orientação de práticas sociais, inclusive de práticas discursivas, no trato da criança e do adolescente no País. (A Compreensão da realidade social, p 18)

Diante dessas reflexões, parto para a análise da cobertura da cirurgia de separação das gêmeas Mel e Lis pelo Correio Braziliense. Busco refletir sobre como o caso foi reportado, quais os enfoques mais comuns e o perfil de fontes consultadas para discorrer sobre o tema.

3. Metodologia

Como *corpus* de análise, definiu-se o período de 27 de abril de 2019 a 4 de junho de 2019 para a coleta dos conteúdos publicados nas edições impressas do Correio Braziliense⁹ – da data da cirurgia até o dia posterior da saída das meninas do hospital. Ao todo, foram analisadas 12 matérias, incluindo reportagens, notícias, entrevistas e notas. O estudo de caso é conduzido sob a ótica da análise qualitativa exploratória dos conteúdos, após leitura flutuante do material, em primeiro momento, e a categorização temática de acordo com três dimensões: 1) aspectos técnicos da apresentação jornalística das notícias; 2) enfoques temáticos; 3) fontes ouvidas.

⁹ Além do fácil acesso ao material, a escolha do Correio Braziliense como veículo de análise se deu pelo conceito de jornal de referência, ou seja, que apresenta atributos como tradição, credibilidade, prestígio, seriedade, diagramação sóbria, sofisticação estilística e reconhecida importância na formação da opinião pública brasileira. (ZAMIN, 2014).

Uma análise qualitativa é baseada na compreensão, e não na explicação, das ações humanas. Martino (2018, p 90) explica que esse perfil de pesquisa aborda as subjetividades, “motivações e elementos pessoais” de alguém que, naquele momento, participava da pesquisa. O pesquisador não trata o mundo transparente dos números, mas o jogo das luzes e sombras da subjetividade”.

O estudo de caso analisa a cobertura tanto do procedimento quanto da recuperação das duas crianças, ou seja, uma situação já delimitada e selecionada para responder às perguntas propostas pelo trabalho.

No estudo de caso, o olhar da pesquisadora se volta para uma situação, de certo modo, já delimitada. Um ponto central é a profundidade: deixando de lado qualquer perspectiva panorâmica, o foco é sobre uma única situação, procurando verificar todos os aspectos envolvidos para, a partir daí, elaborar sua análise. (Métodos de pesquisa em comunicação. p 140)

No estudo de caso, é preciso escolher e delimitar o objeto de estudo, definindo critérios para estabelecer um padrão entre as análises. Para esse padrão é preciso distinguir se o caso é inédito e tem um valor notório, pontos atendidos pela situação observada. Um mesmo estudo pode revelar que a mesma situação se repita ou que apresente resultados distintos, não devendo um caso ser classificado como igual e padronizado como os outros. No Quadro 1, apresentamos os títulos, datas da publicação e a linha fina¹⁰ das matérias.

Quadro 1 - Publicações do Correio Braziliense sobre a cirurgia das gêmeas Mel e Lis (29/4 a 4/06/19)

#REF	Data de publicação	Título	Linha fina
1	29/04/19	O milagre das Siamesas	As irmãs nasceram unidas pela cabeça. Cirurgia inédita no Distrito Federal ocorreu no último sábado. O caso foi mantido em sigilo pela Secretaria de Saúde a pedido dos pais das meninas.
2	30/04/19	Agora, unidas pelo amor	A delicada cirurgia de separação das gêmeas siamesas foi a primeira realizada em Brasília e a décima em todo o mundo.
3	01/05/19	Gêmeas uniram um hospital	A cirurgia que separou as irmãs mobilizou o Hospital da Criança de Brasília. A previsão inicial é de que elas deixem a UTI em duas semanas.
4	02/05/19	Gêmeas tem ótima recuperação	As siamesas separadas no último sábado em delicada e bem-sucedida cirurgia no Hospital da Criança de Brasília, completaram 11 meses de vida. O quadro de saúde evolui dentro do esperado e o resultado continua emocionando a todos os envolvidos na operação.

¹⁰ Frase que costuma vir logo abaixo do título para complementar ou adicionar informações sobre o tema abordado.

5	03/05/19	Gêmeas respiram livremente	Três dias depois de Lis, Mel desperta e surpreende a equipe médica pela rápida recuperação após cirurgia de separação.
6	05/05/19	Exclusivo: entrevista com Camilla Neves	Em uma longa entrevista ao Correio, Camilla Neves, mãe das gêmeas siamesas operadas no último fim de semana, contou a trajetória da família, da descoberta da gestação ao bem-sucedido procedimento.
7	07/05/19	Entrevista com Benício Oton e Luciano Fares	Preparação e apoio: a receita da cirurgia. O anesthesiologista Luciano Fares e o neurocirurgião Benício Oton, integrantes da equipe de separação das siamesas Mel e Lis, participaram do CB Poder e falaram da saúde delas e da operação, feita com muito estudo e generosidade dos envolvidos.
8	12/05/19	Dia das mães	Celebração em dobro. Camilla Neves vai passar o dia ao lado das filhas, no hospital. Mel e Lis estiveram em cirurgia por mais de 20h para serem separadas.
9	21/05/19	Mel deixa a UTI e encontra a irmã Lis pela primeira vez após cirurgia	A alta da UTI ocorreu na manhã desta terça-feira e gerou um reencontro emocionante entre as irmãs.
10	28/05/19	Mais uma conquista para as gêmeas	Separadas há um mês, as siamesas agora dividem quarto na enfermaria, uma semana após Mel deixar a UTI, Lis também deixou e agora está junto com a irmã no quarto.
11	02/06/19	Arraial para celebrar a vida de Lis e Mel	Quase 40 dias depois da cirurgia que separou as gêmeas siamesas, as irmãs comemoraram ontem o primeiro aniversário com uma festa no Hospital da Criança de Brasília. A celebração emocionou médicos e familiares.
12	04/06/19	De volta para casa	Após mais de um mês dentro de um hospital, as gêmeas finalmente tiveram alta e retornaram ao lar, em Ceilândia.

Fonte: Elaboração própria

4. Análise qualitativa dos casos em estudo

4.1 - Aspectos técnicos da apresentação jornalística dos casos

Considerando a tabela elaborada por Silva (2005), os critérios de valor-notícia acionados pelas matérias analisadas são: raridade (incomum); tragédia/drama (risco de morte, emoção, interesse humano, suspense); conhecimento/cultura (pesquisas) e surpresa (inesperado). Considerando o conjunto de tópicos abordados pelas matérias, percebe-se um produção regular de notícias com o intuito de trazer o leitor para perto do acontecimento, aproximando-o da história por seus aspectos humanitários e sentimentais. O interesse

científico da inédita cirurgia e a raridade da condição de saúde são explorados de forma mais contundente em 3 matérias, em geral, nos primeiros dias em que o fato foi noticiado. Em contrapartida, percebe-se que o contexto sentimental que permeia a história, seja com ênfase nas meninas, na família ou nas equipes de saúde. A maioria das publicações trazem narrativas e explicações associadas às dinâmicas pessoais e humanas da história, com a intenção de evidenciar as sensações que ela desperta, aproximando o leitor do caso pela criação desse laço sentimental.

A separação cirúrgica das cabeças das irmãs foi uma situação relevante e inédita, outro valor notícia destacado por Silva (2015), visto que é raríssimo o nascimento de gêmeas com os ossos do crânio unidos - e isso foi explorado pelo Correio, incluindo notas ou menções a outros casos semelhantes no Brasil. No geral, o veículo trouxe explicações sobre a condição de saúde, como foi a cirurgia, boletins médicos das crianças após o procedimento, entrevistas com médicos e equipe responsável. O jornal também entrevistou a mãe das crianças para entender como e quando descobriram a condição de gêmeas siamesas, como foi a gravidez e como era a rotina das meninas. As primeiras matérias apresentam como foi a cirurgia, como as irmãs foram preparadas para o procedimento, como foi a descoberta desde o nascimento e os aspectos mais gerais do caso.

Figura 1 - Agora, unidas pelo amor - 30 de abril de 2019



Com foto de Mel e Lis unidas e separadas em cada maca. Foto dos moldes usados para estudo do caso antes do procedimento e, ao fundo, médicos em entrevista coletiva. Fonte: Correio Braziliense

No conjunto total das matérias, elas possuem limitada informação técnico-científica, mas há reportagens que evidenciam o âmbito médico e a complexidade do procedimento. No entanto, reafirmo a predominância do tom emocional da história, o apelo à comoção e, de certa forma, até com contornos sensacionalistas em relação à curiosidade pela história das crianças. Alguns exemplos de trechos que comprovam isso: “O milagre das Siamesas”, “Agora, unidas pelo amor”, “Gêmeas uniram um hospital”, “Gêmeas respiram livremente”, “Mais uma conquista das gêmeas”.

Observa-se, ainda, que os conteúdos quase sempre possuem fontes de informação, ou seja, o jornalista utiliza a técnica de entrevista como ferramenta de apuração do relato. Conforme o Quadro 2 (abaixo), apenas as duas primeiras matérias, que explicam mais detalhadamente a operação e como elas estavam unidas, possuem ilustrações, infográficos e quadros explicativos.

Quadro 2 - Aspectos técnicos da apresentação jornalística dos casos

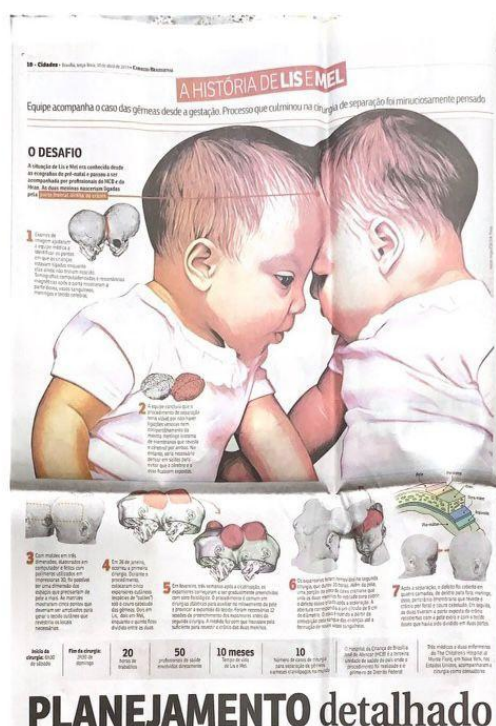
#REF	Formato jornalístico	Foto	Ilustração/Infográfico	Box ou quadro explicativo
1	Reportagem	Sem fotos	Ilustração das gêmeas com a cabeça unida. Ilustração das camadas que revestem a cabeça humana.	não possui
2	Reportagem	Foto das crianças unidas; foto da saída da cirurgia; foto da entrevista com os moldes das cabeças; foto dos pais das meninas; fotos pessoais da família e fotos da equipe da cirurgia.	Ilustração das gêmeas unidas baseada em foto enviada pela família. Ilustração das etapas e dos riscos dos procedimentos.	Quadro explicativo das membranas que revestem o cérebro e como foi realizado a remoção dos expansores para a cirurgia.
3	Reportagem	Foto de alguns integrantes da equipe de separação e foto do Carlos Eduardo, chefe da equipe de enfermagem.	não possui	não possui
4	Reportagem	Foto dos pais das gêmeas; foto da entrevista com médicos e molde das cabeças e foto das meninas ainda unidas.	não possui	não possui
5	Reportagem e Entrevista	Foto dos médicos responsáveis pela operação e foto das meninas unidas.	não possui	não possui
6	Entrevista e Reportagem	Foto das gêmeas e foto da mãe das gêmeas.	não possui	não possui

7	Entrevista	Foto do Dr. Benício Oton e foto do Dr. Luciano Fares.	não possui	não possui
8	Nota	Foto das gêmeas e foto dos pais das crianças.	não possui	não possui
9	Nota	Foto Mel; Foto mel com o avô materno.	não possui	não possui
10	Reportagem	Foto da cirurgia, foto das meninas se reencontrando, e foto dos pais.	não possui	não possui
11	Nota	Foto das meninas e dos pais no aniversário e foto das gêmeas com o anesthesiologista.	não possui	não possui
12	Nota	Foto família e médicos em entrevista coletiva.	não possui	não possui

Fonte: Elaboração própria

Quanto às imagens utilizadas pelas matérias, identifico que as fotos das crianças unidas costumam ser sempre as mesmas, e elas foram disponibilizadas pela família. Fotos dos médicos e dos pais das meninas aparecem com frequência. Quando as meninas apresentaram melhora significativa no quadro de saúde, foram divulgadas fotos delas separadas após a cirurgia. Até, então, a única foto disponível após o procedimento era de uma maca com o nome de cada uma e o rosto todo coberto com curativos. A seguir, exemplos da reportagem que abordou imagens e informações sobre a cirurgia.

Figura 2 - Planejamento detalhado , 30 de abril de 2019



Detalhes sobre a cirurgia para colocar as bolsas de ar na cabeça das gêmeas para esticar a pele e permitir a separação de Mel e Lis. Fonte: Correio Braziliense

4.2 - Enfoques temáticos

Apesar de cobertura variada, detectei a predominância de notícias em torno da divulgação do estado de saúde diário das crianças após o procedimento. Há uma repetição da história das irmãs em praticamente todas as matérias: Mel e Lis, irmãs gêmeas craniópagas, tinham as cabeças unidas e foram separadas por uma cirurgia que durou 20 horas, procedimento inédito no Distrito Federal. Os textos também abordam sobre a raridade do caso e sobre a complexidade da cirurgia para separá-las. Aspectos científicos e análises do ponto de vista acadêmica e educativa foram abordados em poucos textos, sobretudo, nas primeiras notícias. Elas trouxeram ilustrações com alguns passos do procedimento cirúrgico e breve explicação. O foco era boletins diários sobre o pós-operatório e algumas ligações com a promoção da saúde pública, além da constante exaltação da equipe médica responsável pela separação das gêmeas. A análise comprova que as notícias focam na vida particular das gêmeas e de sua família, como a descoberta da gravidez, a rotina delas unidas, as reações dos familiares e outras informações de foro mais íntimo.

A nuvem de palavras a seguir não possui uma análise sistemática de todo o conteúdo, mas ilustra graficamente os destaques dos títulos e da linha fina das 12 publicações.

Figura 3 - Nuvem de palavras (Títulos e Linhas finas)



Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que, no final, a cirurgia foi exitosa, mas não havia garantias de sucesso quanto ao procedimento, extremamente delicado. Em meio a essa situação, a família precisava atender à imprensa para sanar dúvidas relacionadas às curiosidades sobre a vida e a rotina das gêmeas, o estado de saúde das meninas e até dos planos da família para o futuro. Com mencionei, o passar do tempo da cirurgia trouxe conteúdos mais curtos e menos densos, uma espécie de boletim informativo sobre a “coisa nova” do dia.

Quadro 3 - Enfoques temáticos

#REF	Síntese
1	A reportagem retrata sobre o nascimento das gêmeas, sobre a raridade do caso e como foi o nascimento delas. Também é explicado o caso de uma forma sucinta e como foi a preparação para a realização da cirurgia. A princípio a matéria foi para apresentar o caso ao leitor, já que foi a primeira matéria que saiu sobre a cirurgia de separação. A família não foi citada de forma específica e os médicos e a equipe citados de forma ampla. O neurocirurgião Benício Oton respondeu algumas questões sobre a gravidade dos procedimentos. A reportagem conta com uma ilustração idêntica das gêmeas para que pudessem entender como era a união das meninas pela cabeça, já que ainda não tinha sido divulgado fotos delas. Sobre os aspectos técnicos na reportagem foram abordados de forma técnica-científica a união das gêmeas e como acontece essa condição, de acordo com a ciência. Também foi explicado quais partes da cabeça elas possuíam ligadas e se havia graves riscos para a saúde delas. Sobre a equipe médica, sobre o preparo da cirurgia e sobre a cirurgia em si foram citados de forma

	<p>muito genérica como tudo aconteceu. E como foi após o nascimento das gêmeas, que era quando se teria uma real noção do caso delas e se seria possível separá-las. O caso é inédito e muito raro, acontecendo apenas uma vez a cada 2,5 milhões de nascimentos. A rotina das gêmeas, a comoção do caso e a vida familiar não foram citadas na reportagem, visto que essa tenha sido a primeira matéria sobre o caso e ainda não tinham informações suficientes para isso.</p>
2	<p>É uma grande reportagem com bastante detalhes, abordando a família e suas expectativas; o ponto de vista médico; explicações minuciosas do procedimento e locais de fala para a família e para os médicos responsáveis pela cirurgia. Novamente traz a perspectiva de ser um caso complexo e inédito, sobre a condição das meninas e como elas estavam unidas. Dessa vez, a matéria traz ilustrações, fotos dos médicos, das equipes e fotos pessoais da família. Dessa vez, o caso e todo o processo foi explicado minuciosamente e detalhado, inclusive sobre a cirurgia em si (tempo de duração, quantas já foram feitas no Brasil e no mundo e sobre a equipe). Os médicos Benício Oton, neurocirurgião, e Luciano Fares, anestesiolologista, falaram sobre a operação e brevemente sobre o estado das gêmeas após o procedimento. Alguns outros profissionais, como o chefe da Enfermagem, Carlos Eduardo, também tiveram fala em algum momento. A matéria relata os planejamentos para a cirurgia e o que aconteceu. A reportagem torna mais pessoal ao contar a história da família e trazer relatos da mãe e do pai em relação a toda a situação. A mãe das crianças foi relatada a todo momento como uma figura de força e coragem, pois segundo relatos estava sempre confiante de que tudo correria bem. Os médicos também tiveram o seu lugar de fala e uma pequena biografia sobre o Dr Benício Oton, o responsável pela decisão de separar Mel e Lis. Dr Luciano e Dr Ricardo também falaram sobre a convivência e apego com as meninas e sobre como foi a preparação para a realização da cirurgia. A equipe foi formada e alguns convidados pelo próprio Dr. Benicio Oton, para que tudo ocorresse da melhor maneira possível. Em um pedaço da reportagem, também foram abordadas questões sobre o Hospital da Criança, trazendo dados e perspectivas de qualidade.</p>
3	<p>A reportagem traz fotos de profissionais que participaram da cirurgia das meninas e algumas figuras importantes para o procedimento contaram o seu relato. Novamente trazem uma contextualização sobre o caso e como é uma situação rara. E traz um boletim médico sobre a situação das gêmeas após a cirurgia. O médico e a enfermeira, especialistas em separação de siameses no mundo, que vieram de Nova York para acompanhar a operação, destacaram que foi realizado um excelente trabalho por toda a equipe. O chefe da enfermagem e a supervisora da Agência transfusional do HCB contam a emoção que sentiram ao fazer parte de uma operação tão delicada e bem sucedida como foi a separação de Mel e Lis. Os textos abordam principalmente a fala direta de pessoas que presenciaram o caso e puderam compartilhar alguma experiência nesse caso.</p> <p>Logo abaixo, novamente o jornal deseja promover a saúde pública e publica uma pequena nota sobre um caso de separação de gêmeas que eram unidas pelo estômago e passaram por um procedimento ainda bebês. As meninas têm 15 anos e foram separadas com dias após o nascimento no Hospital de Base, em Brasília.</p>
4	<p>A matéria é bem menor que as outras, traz fotos das meninas unidas, dos pais e de médicos em uma entrevista coletiva. Traz boletim médico das meninas e como está a recuperação de cada uma. O Dr. Márcio Marcelino, neurocirurgião, relata sobre a evolução positiva das crianças. E a mãe, Camilla Vieira, conta que só tem a agradecer por todo o sucesso da operação e aguardar os próximos dias para ver a melhora das filhas. Outras figuras que participaram indiretamente da operação, como o José Alfredo, que é responsável pela limpeza, alimentação, lavanderia e transporte e o Gleydson Rabelo, supervisor da manutenção. Ambos contam a emoção em participar de algo tão grande e importante, que puderam contribuir indiretamente para a separação com êxito das meninas. Um box é colocado para explicar o caso com as mesmas notícias de sempre: o nascimento, o grau de complexidade, o que elas tinham em comum e brevemente sobre a cirurgia de separação.</p>
5	<p>A reportagem traz imagens dos médicos Benício Oton, Luciano Fares e Ricardo de Lauro e das gêmeas unidas para mostrar como elas eram antes da cirurgia. A matéria familiariza o leitor com o assunto, abordando novamente os assuntos do nascimento, complexidade do caso e a cirurgia. Além disso, traz boletim médico sucinto de como está o estado de saúde das gêmeas após o procedimento cirúrgico. Muitas informações são repetidas de matérias anteriores, inclusive fala dos médicos.</p>

	Dessa matéria, o outro neurocirurgião Márcio Marcelino, forneceu uma entrevista de perguntas e respostas sobre a cirurgia e sobre a evolução do desenvolvimento das gêmeas, explicando como são as expectativas médicas para a recuperação delas.
6	Essa reportagem é mais apelativa no sentido de sensibilizar principalmente mães, Camilla Vieira, mãe da Mel e da Lis, foi entrevistada pelo correio e respondeu perguntas pessoais sobre a descoberta da gravidez, como foi o nascimento das meninas, como era a rotina das gêmeas ainda unidas, como eram os sentimentos que passavam pela família e as expectativas aguardadas pela cirurgia, como foi o sentimento da mãe no dia, como elas estão evoluindo, quais os planos para o futuro delas e as expectativas da cirurgia. A matéria também traz outras histórias de mães que lutam pela saúde dos filhos no Hospital da Criança, relatos de famílias que precisam ir ao hospital periodicamente para tratar doenças crônicas das crianças.
7	Entrevista com o Dr Benício Oton, neurocirurgião, e Dr Luciano Fares, anestesiolgista. Eles responderam perguntas sobre a cirurgia, sobre a saúde no Brasil e no DF, sobre a personalidade das meninas, sobre possíveis sequelas, sobre como elas estão respondendo à cirurgia e sobre como elas ficarão após a separação. Foram respondidas perguntas pessoais, técnicas, médicas e acadêmicas.
8	Matéria especial dos dias das mães, teve entrevista com outras mães e falaram com a Camilla também. Camilla conta da felicidade de passar o primeiro dia das mães com as filhas separadas e bem, evoluindo e se recuperando da cirurgia. A matéria traz fotos das gêmeas unidas e dos pais das crianças. Alguns aspectos básicos do caso são lembrados, mas o foco é o dia das mães e a felicidade da mãe em comemorar o dia após tanta aflição com a cirurgia e recuperação das meninas.
9	A primeira foto das gêmeas separadas, quando Mel teve alta da UTI e foi para a enfermaria. Relatos da família em relação a melhora da menina e como ela está evoluindo bem e se desenvolvendo normalmente para alguém da sua idade. Camilla conta como foi o primeiro encontro das meninas após a operação e a reação delas ao verem a irmã, além disso fala sobre as expectativas para a alta da Lis da UTI e para ambas irem para casa.
10	A matéria possui diversas fotos das meninas separadas, com os pais e se vendo juntas no quarto da enfermaria. Lis recebeu alta da UTI e agora está no quarto com a irmã. Novamente uma ambientalização do caso, trazendo um breve resumo dos aspectos básicos e traz as expectativas dos pais para o futuro das gêmeas.
11	Foto das gêmeas no aniversário de um ano, comemorado no hospital e foto das meninas com o anestesiolgista, Luciano Fares, na festinha. O hospital organizou uma festinha para as crianças, que agora estão evoluindo bem e mais próximas da alta hospitalar. Relatos de familiares, como os avós maternos de felicidade em poder vivenciar esse momento único com as meninas separadas e saudáveis. A matéria novamente traz sobre a cirurgia, como foi o procedimento e os riscos que as meninas corriam.
12	Foto da Mel e da Lis com os pais, alguns médicos e figuras importantes do Hospital da Criança. Em entrevista coletiva, os médicos e a família deram esclarecimentos sobre o estado de saúde das meninas, sobre a recuperação e os planos do futuro. O caso foi explicado, contado como era a complexidade, os riscos e os cuidados a serem tomados na cirurgia. E sobre a raridade de casos assim no mundo inteiro.

Figura 4 - Mais uma conquista para as gêmeas - 28 de maio de 2019



Fotos das crianças se encontrando e indo para o quarto. Arquivos pessoais da família. Expectativas da mãe e do pai para o futuro e para a evolução do desenvolvimento das gêmeas. Fonte: Correio Braziliense.

4.3 - Fontes ouvidas pela matéria

As principais fontes das reportagens foram a Camilla, mãe das gêmeas; Dr. Benicio Oton, neurocirurgião responsável pela cirurgia; e Dr. Luciano Fares, anestesiológico. Além desses, outros médicos, membros da equipe, pessoas de apoio e familiares também foram fontes de informação sobre o caso. As perguntas como: “Como foi a descoberta da união das cabeças?” “Como foi o nascimento?” “Como foi o preparo para a cirurgia?” “Como foi durante a cirurgia?” “Como foi o pós-operatório e a evolução das gêmeas?” “Como será a recuperação e as sequelas?” “Quais são os planos futuros para Mel e Lis?” foram realizadas de diferentes maneiras e para diferentes fontes, mas com o mesmo objetivo de explorar o aspecto pessoal e subjetivo da opinião médica e da família sobre o caso.

Quadro 3 - Fontes ouvidas

#REF	Fontes- Quem são as fontes citadas pela matéria e o que elas falam?
------	---

1	Dr. Benício Oton- Neurocirurgião. Ele relata de forma técnica e prática sobre a complexidade do caso das gêmeas e como foi o processo para iniciar os planos da separação.
2	Dr. Benício Oton- Neurocirurgião Dr. Luciano Fares- Anestesiologista Dr. Ricardo de Lauro- Cirurgião Plástico Carlos Eduardo- Chefe da enfermagem Os médicos que participaram da entrevista coletiva abordaram o tema de maneira técnico científica explicando os riscos, como souberam da notícia do caso das gêmeas grudadas, como se planejaram para as operações que viriam pela frente e como iriam separá-las. Dr. Simônides da Silva Barcelar- Cirurgião Pediátrico e docente da Universidade de Brasília comentou sobre o caso do ponto de vista acadêmico e como a operação será referência e modelo para estudos e futuras operações similares. Camilla Vieira- mãe das gêmeas Rodrigo Aragão- pai das gêmeas Os pais das crianças relataram em entrevista coletiva como era a rotina das crianças, como foi a descoberta da gravidez de gêmeas siamesas e como estavam otimistas em relação a cirurgia e a recuperação das crianças.
3	Dr. James Goodrich- Neurocirurgião de Nova York Kamilah Dowling- Enfermeira de Nova York Duas enfermeiras e três médicos do The Children's Hospital Montefiore, em Nova York, vieram acompanhar a cirurgia. Eles são referência mundialmente na separação de siamesas. Eles comentaram sobre o sucesso da cirurgia e como os médicos responsáveis pela operação trabalharam com uma excelente equipe. Carlos Eduardo Miguel- Chefe da enfermagem conta que durante a operação ficou com a função de supervisionar a equipe e oferecer notícias para a família durante as 20 horas de operação. Ana Paula Paulino- Supervisora da Agência Transfusional do HCB conta sua experiência nesse caso tão inédito e que foi escalada para dar suporte hemoterápico, caso fosse necessário.
4	Dr. Márcio Marcelino- Neurocirurgião relatou brevemente sobre o estado de saúde das gêmeas após a operação. Camilla Vieira e Rodrigo Aragão, os pais contam sobre o apoio e auxílio que vem recebendo de todos ao redor das meninas, torcendo para a recuperação das gêmeas. Carlos Eduardo Miguel- Chefe da enfermagem destaca sobre o pós operatório das gêmeas, pode ser que o desenvolvimento delas seja um pouco mais lento. José Alfredo Malenha- Responsável por garantir alimentação, transporte, limpeza e lavanderia no dia da cirurgia. Sem expediente no dia, José conta que foi trabalhar para ajudar de alguma forma os médicos e prestar apoio para a delicada cirurgia de separação. Márcio Silva- Chefe da Infraestrutura conta que montou equipes completas para garantir energia elétrica, água e manutenção durante todo o período da cirurgia. Gleydson Rabelo- Supervisor da Manutenção conta que estava pronto para qualquer ajuda e montou um grupo no whatsapp para oração em prol das meninas.
5	Camilla Vieira - mãe contou sobre o desenvolvimento das meninas após a cirurgia. Dr. Ricardo de Lauro - Cirurgião Plástico Dr. Luciano Fares - Anestesiologista Os médicos falaram sobre o pós operatório, como seria a recuperação, as sequelas, o desenvolvimento das gêmeas e o que esperar da cirurgia em diante. Dr. Márcio Marcelino - Neurocirurgião deu uma entrevista respondendo diretamente sobre o estado de saúde das meninas e sobre o que era esperado pelos próximos dias.
6	Camilla Vieira, mãe da Mel e da Lis, forneceu uma entrevista contando de forma pessoal todos os detalhes da vida das gêmeas unidas e como era a rotina com a família, cuidados necessários, como foi a preparação para a cirurgia, como foi no dia da cirurgia e como foi após a cirurgia.
7	Dr Luciano Fares e Dr Benício Oton, em uma entrevista, falaram tecnicamente sobre a cirurgia e os riscos que as gêmeas corriam por ser um procedimento delicado e complexo.
8	Em matéria especial para o dia das mães, Camilla fala da emoção de ter as filhas bem e separadas, fala dos planos futuros para as filhas e da evolução positiva das meninas.
9	Camilla Vieira, mãe das gêmeas, conta como foi a saída da Mel da UTI para o quarto e como está a recuperação da Lis para também ser liberada para o quarto.

10	Camilla Vieira e Rodrigo Aragão, pais das crianças, contam como está o desenvolvimento das meninas e como elas estão após a cirurgia. Eles também destacam sobre os planos futuros, quando saírem do hospital.
11	Edilson Neves e Odileia Vieira, avós maternos da Mel e da Lis, contam como estão se sentindo após a cirurgia e em poder comemorar o primeiro ano de vida das meninas com elas bem e separadas. Os pais das gêmeas, Rodrigo e Camilla, também falaram sobre como estão se sentindo com a boa evolução das meninas.
12	Dr. Benício Oton fala sobre a recuperação e possíveis sequelas após a cirurgia e comenta sobre a evolução das crianças, que agora recebem alta do hospital. Camilla e Rodrigo também comentam sobre como as meninas estão reagindo a nova vida separadas e como elas ainda são muito ligadas, além de comentar planos para a família.

Fonte: Elaboração própria

Outros médicos também falaram sobre a cirurgia e sobre o sucesso da operação, incluindo pessoas que auxiliaram de forma indireta, como trabalhadores da limpeza e da infraestrutura física do procedimento, que relataram a felicidade em participar de um caso como esse. Alguns relatos abordaram perguntas técnicas, mas é possível observar a opinião e o valor sentimental nas falas dos entrevistados, principalmente os que acompanharam as gêmeas de perto.

Figura 04 - Entrevista com Benício Oton e Luciano Fares, 07 de maio de 2019



Entrevista com os médicos Benício Oton e Luciano Fares, em formato pingue-pongue, abordando sobre a complexidade, o planejamento, as consequências e as expectativas do procedimento. Fonte: Correio Braziliense

As abordagens exploram o afeto e a emoção que os entrevistados tinham de estar próximo ao caso. Isso contribui ainda mais para a comoção que as matérias despertam no leitor. Por exemplo, em matéria do dia das mães, Camilla deu uma entrevista pessoal sobre sua experiência como mãe e falou sobre os planos futuros para as filhas, após a recuperação da cirurgia. A credibilidade das fontes é dada principalmente para os médicos e para a mãe, o

pai das crianças, por exemplo, quase não aparece e, quando é entrevistado, suas falas são superficiais.

Figura 05 -Exclusivo: entrevista com Camilla Neves, 06 de maio



Entrevista com Camilla em especial do dia das mães, abordando tema da gravidez, rotina, preparação, planos futuros e expectativas. Ao final, relatos de mães com filhos que precisam de acompanhamento hospitalar.

Fonte: Correio Braziliense

Em quase todas as matérias, como dito, há a repetição da história para contextualizar o leitor, importante para a contextualização da leitura. Em algumas matérias, o jornal, trazia casos parecidos que envolviam crianças e saúde. Do ponto de vista do jornalismo, nota-se que o valor-notícia que guia a maior parte das reportagens é a condição rara da história, mobilizada pela vida pessoal e curiosidades do caso inédito das gêmeas unidas pelo crânio. Aspectos técnico-científicos e informativos são realizados de maneira rasa. A crítica à cobertura do caso pelo Jornal Correio Braziliense envolve o exagero do enfoque no apelo emocional e na comoção gerada pela história. Como constatado por Costa e Doretto (2019) na cobertura sobre crianças cardíacas, nota-se também o duelo entre a condição de saúde das crianças (a vilã) e a força e superação das gêmeas, heroínas da história.

5. Considerações finais

A análise dos casos selecionados demonstra que as notícias seguem princípios e técnicas do jornalismo e da notícia e conseguem transmitir a história das gêmeas de uma forma humana e simples. Entretanto, com uma análise mais crítica dos casos, percebo que as

publicações tendem ao lado curioso e raro do fato, explorando a luta contra do mal e a vitória do bem, características associadas à doença e à cirurgia, respectivamente. As notícias tendem a perguntar e questionar sobre a vida das gêmeas, rotinas e assuntos de interesse pessoal. Nas primeiras reportagens, é possível perceber informações sobre o caso da cirurgia, sobre o procedimento e sua preparação. Mais adiante, o foco das matérias é o estado de saúde, planos futuros, expectativas e a própria história das irmãs com a família.

A leitura dos textos mostra que a maior parte das matérias foram bem construídas quanto aos aspectos jornalísticos. Todavia, é possível perceber com as análises que há a valorização da figura das meninas para despertar a comoção. Se Buitoni (2013) fala sobre a ausência de protagonismo das crianças nas representações do fotojornalismo brasileiro, não se pode negar que as gêmeas Mel e Lis foram protagonistas, mesmo tendo menos de um ano de idade. No entanto, o protagonismo deve-se justamente à condição rara de saúde das irmãs, e não apenas a doença, mas também as rotinas e desafios trazem o valor-notícia da repercussão para o caso para viés da curiosidade.

Exatamente neste ponto que aparecem os tensionamentos entre o interesse público e a garantia da privacidade das crianças. A própria família de Mel e Lis escondeu a notícia de que eram siamesas para preservar a imagem e a privacidade das meninas. A situação só veio a público às vésperas da cirurgia. Reconheço a importância de se noticiar e dar visibilidade a casos como esses, pois foi a primeira cirurgia de separação de gêmeas siamesas unidas pelas cabeças no Distrito Federal, e o fato ocorreu em um hospital público.

No entanto, nos desdobramentos do caso percebe-se a tendência de que a dimensão da curiosidade se sobreponha aos demais aspectos, até mesmo porque com a grande repercussão do caso a condição das gêmeas perde, em poucos dias, a condição de novidade como valor-notícia. O “novo” passa a ser outras dimensões da vida das meninas, inclusive, o próprio estado de saúde das gêmeas após a cirurgia. Nota-se, portanto, que as primeiras reportagens eram mais aprofundadas e, com o passar dos dias, o espaço no jornal e a densidade dos conteúdos diminuía.

A observação do cômputo geral das matérias reconhece que a cobertura realizada pelo veículo de comunicação Correio Braziliense teve zelo ao transmitir as informações sobre o caso. Todavia, a necessidade de se divulgar, em primeira mão, cada novo desdobramento do caso se torna o grande gargalo de invasão da privacidade e até da intimidade das crianças e da família (e aqui falo não só do jornal em questão, uma vez que todos os veículos do Distrito Federal estavam mobilizados em torno do caso).

É preciso repensar e estabelecer novos limites ao jornalismo para retratar e abordar histórias que envolvam crianças e adolescentes. Começar a tratá-los como protagonistas, mas sempre com o cuidado de resguardar e preservar a privacidade e a intimidade dessas meninas e meninos e também de suas famílias. O caso de Mel e Lis foi bem-sucedido, as gêmeas foram separadas e estão sem nenhuma seqüela pós-cirurgia. Hoje, as meninas têm 4 anos, vão à escola, passeiam, brincam e vivem como se nunca tivessem passado por nenhum procedimento grave e delicado, como foi. Mas, e se o desfecho fosse outro? Como seria a cobertura da mídia em uma situação limite de extrema dor e tragédia? O tema requer estudos mais aprofundados para se pensar, exatamente, nos limites a serem estabelecidos ao se reportar notícias similares.

Referências

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. Crianças na mídia impressa brasileira: fotojornalismo ou ícone ilustrativo. In: Dimas A. Kunsch; Simonetta Persichetti. (Org.). Comunicação, entretenimento e imagem. 01 ed. São Paulo: Plêiade, 2013, v. 1, p. 205-230.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. Sociologia do Jornalismo. Vol. II. Nº 1, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>> Acesso em: 04 de fev. de 2023.

DA CRIANÇA, Declaração dos Direitos. Adotada pela Assembléia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil. PREÂMBULO. ANDI - Comunicação e Direitos. Disponível em: <<https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Declaracao-Universal-dos-Direitos-da-Crianca.pdf>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

BARBOSA, Diana., et al. Primeira Infância na Mídia. Observatório Legal da Primeira Infância. 2021. Disponível em: <<https://andi.org.br/wp-content/uploads/2021/07/andi-primeira-infancia-na-midia-analise-de-midia-27mai-final.pdf>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente . Estatuto da Criança e do Adolescente: um guia para jornalistas. 2. ed. -- Brasília, DF : Rede ANDI Brasil, 2011. 141 p. : il. : color. Disponível em: <https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Guia_eca-1.pdf> Acesso em: 13 de fev de 2023.

KUNSCH, Dimas A. Comunicação entretenimento e imagem. Série: Comunicação na Contemporaneidade. São Paulo: Plêiade, 2013. Cap.: Crianças na mídia impressa brasileira: fotojornalismo ou ícone ilustrativo. Pg. 205-230. Disponível em: <<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/07/COMUNICA%C3%87%C3%83O-ENTRETENIMENTO-E-IMAGEM.pdf>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

LIMA, E. N. de, et al. A Espetacularização dos Atos Infracionais Cometidos por Crianças e Adolescentes: o papel da mídia televisiva. *Anagrama*, 7(1), 1-13. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/68188/70738>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

CIVIL, Casa. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 1990. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

DA CRIANÇA, Convenção sobre os Direitos. Decreto no 99.710, de 21 de novembro de 1990. Promulga a, 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d99710.htm> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

CARVALHO, Raiana de; et al. Entre a dor e a superação: adolescentes com câncer discutem sua representação nas notícias. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Mediática*. V. 15. 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2018.

PONTE, Cristina. Crianças & media: Pesquisa Internacional e contexto português do Século XIX à actualidade. Lisboa ICS, 2013.

DORETTO, Juliana; et al. A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. *E-Compós*, [S. l.], v. 21, n. 2, 2018.

DORETTO, Juliana; et al. “Batalha do pequeno coração valente”: o jornalismo e as crianças com problemas cardíacos. *CADERNO DE RESUMOS. Mídias 10 anos. São Paulo: ECA/USP*, 2019.

ALMEIDA, Jaqueline, “Jornalismo e direitos humanos de crianças e adolescentes” Belém: EMAÚS, 2013.

VARÃO, Rafiza. Jornalismo, ética e infância. 2019. Disponível em: <<https://www.midiaeducacao.com/2019/05/jornalismo-etica-e-infancia.html>> Acesso em: 13 de fev. de 2023.

VERONESE, Josiane Rose Petry; et al. Sharenting: imperioso falar em direito ao esquecimento. 2022.

FEDERAL, Senado et al. Constituição da república federativa do Brasil, 1988. 1998.

BROOKS, P. The melodramatic imagination: balzac, Henri James, melodrama and the mode of excess, New Haven and London: Yale University Press, 1995. apud Juliana Doretto e Juliana da Costa Carvalho , 2019.